

Leslie Allen, Lamentações, Sessão 3, Lamentações 1:1-11

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 3, Lamentações 1:1-11.

Aqui chegamos ao nosso terceiro vídeo sobre o livro de Lamentações.

Temos observado os antecedentes de Lamentações e pensado muito sobre o mundo de Lamentações, o mundo por trás dele e as tradições que ele capta e usa. E agora chegamos ao capítulo um e versículo um, e esperamos chegar à primeira metade do capítulo. Deveríamos estar estudando os versículos um a onze.

Mas ainda há algum trabalho de base que precisamos fazer, mas faremos isso no contexto do texto. Agora, preciso dizer no início que o livro de Lamentações é uma demonstração do trabalho do luto e uma leitura inestimável para qualquer pessoa que sofre e para seus cuidadores. Ele estabelece uma agenda de lágrimas, conversas e tempo para essa jornada através do luto.

O livro parece ser o roteiro de uma liturgia, um serviço prestado para ajudar a comunidade de Judá a aceitar a queda de Jerusalém em 586 aC e a catástrofe nacional que acarretou. E temos que notar também que há uma certa função que Lamentações desempenha, que enquanto os sobreviventes chocados ouvem, um companheiro sofredor os orienta, recorrendo às tradições judaicas de luto, e ele está tecendo caminhos, trajetórias de tristeza, culpa e sofrimento, e ele incentiva a congregação a articular essas trajetórias por si mesma. Para tanto, ele apresenta um personagem, Sião, que representa não apenas uma personificação do lugar de Jerusalém que está sendo destruído, mas também representa a comunidade, e Sião atua como seu modelo.

Então ele próprio, esse mentor, assume o papel de curador de feridos, conquistando a confiança deles ao testemunhar sobre suas próprias feridas e como reagiu a elas. Uma parte fundamental de sua orientação é fornecer uma interpretação da catástrofe. Apelando para a lei e os profetas, ele discerne um plano providencial em duas partes, primeiro negativo, mas eventualmente positivo.

Finalmente, a congregação pode chegar a um ponto decisivo no seu luto. Eles verbalizam sua dor ao se comprometerem novamente com Deus em uma oração sincera. Embora o sofrimento humano tenha uma variedade infinita, os aflitos encontrarão um sentimento de solidariedade bem-vindo no Livro das Lamentações, enquanto aqueles ao seu redor encontrarão incentivo para mostrar empatia, chorando com aqueles que choram.

Eu deveria usar a nova Versão Padrão Revisada ao ler o texto, mas também faço algumas referências à Nova Versão Internacional ao longo do caminho. No capítulo 1 encontramos o primeiro acróstico, e eu disse antes que é feito de uma listagem, uma listagem alfabética, percorrendo as letras da Bíblia. É por isso que tem 22 versículos, porque há 22 letras no alfabeto hebraico.

O que o mentor precisa fazer aqui é levar a congregação a enfrentar a realidade das perdas que aquela comunidade sofreu. Eles têm que encarar a realidade diretamente de frente e precisam processar essa realidade, lembrando-se dolorosamente dessas perdas e dando expressão à necessidade de absorver e aceitar o que aconteceu. Este é o processo.

O narrador, que também é mentor, vivencia as perdas sofridas pela comunidade neste primeiro capítulo. Isso é uma expressão de tristeza. Mencionei rapidamente da última vez que existem três caminhos ou três trajetórias que continuam recorrentes no Livro das Lamentações.

Existe culpa, existe tristeza, existe culpa e existe ressentimento. Encontraremos todos eles reaparecendo à medida que avançamos. Eles precisam ser refeitos e trazidos à tona repetidas vezes.

Não existe uma lógica para o luto. Ele pisca de um lado para outro entre diferentes aspectos que vemos aparecer como parte do luto. Um ótimo recurso que encontrei é um livro de Gerald Sitzer chamado *A Grace Disguised*.

Ele passou pela terrível experiência de sofrer um acidente de carro e, como resultado, sua mãe, seu pai, sua esposa e sua filha morreram. Lá, ele ficou com os filhos no final, e eles estavam de luto. Ele teve que passar por essa dor.

Uma maneira pela qual ele expressa como passou por essa dor é a seguinte. Ele disse que teve um sonho acordado, e sua mente estava pensando na escuridão e no sol poente, e ele disse, Eu estava correndo freneticamente para o oeste, tentando desesperadamente alcançá-lo, o sol poente e permanecer em seu calor e luz ardentes, mas eu estava perdendo a corrida. O sol estava me batendo no horizonte e logo desapareceu.

De repente, me vi no crepúsculo. Exausto, parei de correr e olhei ameaçadoramente por cima do ombro para o leste. Eu vi uma vasta escuridão se aproximando de mim.

Fiquei apavorado com aquela escuridão. Queria continuar correndo atrás do sol, embora soubesse que era inútil, pois ele já havia se mostrado mais rápido do que eu. Então, perdi toda a esperança, caí no chão e entrei em desespero.

Pensei naquele momento que viveria nas trevas para sempre. Senti terror absoluto em minha alma. E então ele continua dizendo, minha irmã, Diane me disse que o caminho mais rápido para alguém alcançar o sol e a luz do dia não é correr para o oeste perseguindo o sol poente, mas seguir para o leste mergulhando na escuridão até chegar ao nascer do sol.

Descobri naquele momento que tinha o poder de escolher o rumo que minha vida tomaria, mesmo que a única escolha que me restasse, pelo menos inicialmente, fosse fugir do último ou enfrentá-lo da melhor maneira que pudesse. Como eu sabia que a escuridão era inevitável e inevitável, decidi a partir daquele momento caminhar na escuridão em vez de tentar fugir dela, deixar que a minha experiência de perda me levasse numa viagem onde quer que ela me levasse, e permitir-me ser transformado pelo meu sofrimento, em vez de pensar que poderia de alguma forma evitá-lo. No entanto, escolhi voltar-me para a dor, hesitantemente, e ceder à perda, embora não tivesse ideia na altura do que isso significaria.

E assim, em Lamentações, você está caminhando para a escuridão e sabendo que esse é o único caminho a seguir, e o mentor espera e elogia que além dessa escuridão, haverá luz da qual ele falará no Capítulo 3, mas até então, ele só posso falar de perdas. E então, acho importante entender esse narrador, como geralmente é chamado, quem é o orador principal, não apenas como um repórter ou observador, mas como alguém que também sofre nesse luto como um companheiro judeu. Ele também experimentou a queda de Jerusalém e a queda do templo, a queda da monarquia e a queda de tudo, mas também é um mentor.

Ele parece ter sido um sacerdote, suspeita-se, que foi treinado na oratória e nas tradições de Israel, e ele pode usar isso para mergulhar na escuridão com a congregação e conduzi-los através da escuridão e, eventualmente, esperançosamente, em um vislumbre de luz. Este primeiro poema se divide perfeitamente em duas metades. Versículos 1 a 11 e depois versículos 12 a 22.

Quando chegamos ao versículo 9, descobrimos que essa personagem Sião interrompe rudemente em uma linha, e então descobrimos que mais uma vez no final do versículo 11, ela interrompe novamente, e o mentor dá a cabeça a partir daí, e o segundo parte desse capítulo está muito preocupada com o que Sião tem a dizer nos versículos 12 a 22. O que encontramos neste capítulo é que existem estrofes, que chamamos de versículos, que na verdade são estrofes com três linhas, e é a primeira palavra na primeira linha que segue a ordem do alfabeto. Estranhamente, o versículo 7 tem quatro linhas, e encontraremos a mesma discrepância no capítulo 2, e o hebraico não parece importar.

Não era perfeccionista em sua poesia. Uma característica é que existe uma certa métrica que rege a maior parte deste primeiro capítulo e a maior parte do livro, na verdade, nos primeiros quatro capítulos, e é isso que chamamos de métrica manca.

Existem três sílabas acentuadas em uma linha, e a primeira metade da linha tem três sílabas acentuadas, e a segunda metade não tem outras três. Tem apenas duas sílabas, então você se sente um pouco decepcionado. É chamado de medidor manco, e isso é característico do lamento fúnebre secular.

Este medidor manco está muito decepcionado e incorpora desespero em seu próprio som com aquelas duas sílabas finais acentuadas em vez das três que você esperava. É algo mais que notamos neste poema que mencionamos antes? Esta palavra como. Eu disse isso em meu comentário, que chamo de liturgia do luto, traduzi como isso é terrível e um pouco desajeitado, mas traz à tona o lado emocional daquela palavra em particular, que é um grito ou um grito agudo, e então há emoção expressa lá.

As pessoas falam sobre a lógica do capítulo um, mas não, também há emoção ali, bem como uma mistura de razão e também terror em termos dessas exclamações excitadas. Como eu disse, temos aqui um lamento fúnebre, mas descobriremos que há um retorno à oração no que diz respeito a Sião. Uma coisa típica de um lamento fúnebre é que há inversão e contraste, e há uma comemoração da perda, e o que era bom agora está perdido.

O que era bom agora virou ruim ou não existe mais. Achamos que isso é muito característico. Há uma descrição de diferentes perdas ao longo do capítulo um e há esse contraste entre os bons velhos tempos e os maus dias atuais, quando tudo mudou para pior.

Isto é muito característico da nossa própria experiência de crise. É provável que uma pessoa enlutada diga que sinto muita falta dele ou dela e que esteja muito consciente do que perdeu, por isso não é surpreendente que aqui tenhamos um catálogo de perdas. A primeira metade é um catálogo de perdas humanas ou sociais, de pessoas que se perderam, enquanto estou dividindo a primeira metade em duas partes.

De uma a seis são as perdas humanas ou sociais, e depois de sete a onze perdas materiais, coisas materiais que foram perdidas, e essa é a divisão entre os dois lados desta primeira metade. Agora, existem dois pressupostos. Temos que voltar às tradições novamente aqui, pois vamos encontrá-las no texto real, e a primeira tradição se refere aos versículos um a onze como um todo e a segunda tradição apenas aos versículos um a seis, e essa primeira tradição é algo que está perdido, algo que você não tem mais e é o que chamamos de teologia de Sião, e está muito expresso nos salmos.

Um grupinho, não são consecutivos. Há um pequeno grupo de salmos que chamamos de Cânticos de Sião, e há os Salmos quarenta e seis, quarenta e oito e setenta e seis. Esses salmos estão dizendo o quão maravilhosa Jerusalém é e como

ela é a cidade de Deus, e Deus vai abençoá-la para sempre e defendê-la para sempre, e eles são salmos maravilhosos que louvam a Deus.

É uma espécie de hino louvando a Deus pelo que chamamos de teologia de Sião. Tudo ficará bem com Sião, e descobrimos isso também em outro livro. Encontramos no livro de Isaías que na parte pré-exílica do livro de Isaías, nos capítulos um a trinta e nove, há uma celebração de Sião preservada dos assírios.

Parecia que em 701, no reinado de Ezequias, Jerusalém cairia nas mãos dos assírios e, de fato, foi bloqueada por Senaqueribe, mas então tudo acabou e os assírios recuaram, e isso, para Isaías, é uma celebração da teologia de Sião. E então no Segundo Isaías há um ressurgimento, uma série exílica de textos agora. Há uma admissão implícita de que a teologia de Sião não funcionou, mas há a promessa de que funcionará no futuro.

Na seção pós-exílica, de Isaías 46 em diante, há uma expectativa de que a tradição de Sião seja restabelecida. Mas aqui estamos no início do período exílico e a tradição de Sião foi perdida e Jerusalém caiu. Afinal, não é a cidade favorita de Deus e, afinal, Deus não tem cuidado dela.

Ele deixou isso ir para os babilônios e como isso pode ser essa maravilhosa teologia de Sião? E implicitamente, os versículos um a onze estão contrariando as afirmações da teologia de Sião e dizendo que elas não funcionaram, não é mesmo? Eles não funcionaram. Entre a congregação havia a expectativa de que deveria ter funcionado. Havia essa crença, havia esse valor atribuído a Sião.

Eu disse anteriormente que uma parte do luto é reconhecer que talvez seja necessário mudar as próprias expectativas. Certas expectativas não funcionaram e eventualmente precisamos de outro conjunto de expectativas que funcionem e de outro conjunto de valores no lugar dos valores que nos desviaram. E aí estamos.

Há essa necessidade de ir além daquela parte do sistema de crenças que não funcionou. Para superar essas expectativas e avançar para um novo conjunto de expectativas. Não é no capítulo três que chegamos a quais são essas novas expectativas apresentadas pelo mentor à congregação, mas, no momento, estamos avançando na escuridão e muito gratos pela perda.

E não mais do que nos versículos um a seis, as perdas sociais antes de chegarmos às perdas materiais. E aqui está outro pressuposto que encontramos agora no texto: um princípio de solidariedade. Alguém disse que existem nações coletivistas que dizem nós, enquanto há nações não coletivistas que dizem eu.

E no Ocidente, individualizamos completamente. Somos muitos indivíduos e achamos difícil tentar viver em sociedade, e não concordamos uns com os outros

porque sou eu quem conta. Mas em África e na Ásia há um ponto de vista mais colectivista.

Você pertence à comunidade. Você pertence à família. Você pertence ao clã.

Você pertence à tribo. Você pertence à nação. Faça alianças com outras nações.

E você se apega a todas essas solidariedades. É isso que torna a vida significativa. E você se enquadra como indivíduo nesses sentimentos coletivistas.

E assim, ao envolver-se nos versículos um a seis na perda social, há este factor extra que o torna muito mais significativo e muito mais trágico no caso destes judeus que perderam tantos aspectos pessoais das suas vidas, aspectos sociais, aspectos humanos, aspectos sociais ao seu redor. Versículo um. Quão solitária é a cidade que antes estava cheia de gente.

Solitário é a palavra-chave dos versículos um a seis. As perdas humanas sociais. Sozinho.

Solitário é uma palavra muito trágica. É para todas as civilizações, até mesmo para as nossas civilizações individuais, tais como as que vivemos. Mas foi para Judá que sentir-se solitário foi particularmente avassalador.

Existem vários salmos, salmos de lamento individuais, que reclamam da solidão que não conseguem suportar. Notamos que esta palavra fica na cidade. E nos deparamos com essa postura de sentar como comportamento de luto.

E então, isso é algo que devemos valorizar. E assim, há uma personificação desde o início da cidade. E ela é chamada como ela.

Ela é mencionada à medida que avança no capítulo. Ela compara isso a uma viúva. Sião é mencionada como uma mulher nesta personificação.

Eu estava ensinando lamentações recentemente e uma mulher veio até mim durante o intervalo e perguntou por que Sião era personificada como mulher. Por que não um homem? Ah, eu disse, não tinha pensado em explicar isso. Essa é uma pergunta muito boa. E falarei disso com a turma na próxima hora.

E então expliquei à turma que existem apenas dois gêneros em hebraico, masculino e feminino. E tudo tem que ser masculino ou feminino. Não existe neutro.

Você tem que se contentar com os dois gêneros. A palavra cidade é na verdade uma palavra feminina. Sião e os nomes de cidades como Sião ou Jerusalém são tradicionalmente considerados em termos de mulheres.

São substantivos femininos. Substantivos femininos. E então, quando você quer personificar, você naturalmente pensa em uma mulher.

Há um pouco mais do que isso, mas é o suficiente para continuar. E então, existe esta cidade vazia. E tinha sido a capital da nação.

Depois de 586, afinal não era mais a capital. Mispá, na tribo do território de Benjamim. Essa era a nova capital, não Jerusalém.

Tinha sido uma metrópole cheia de gente como a capital de Judá, mas não é mais assim. E ela é comparada a uma viúva. Como ela se tornou uma viúva.

Ela era grande entre as nações. E viúva, você pode pensar que falando em termos conjugais, alguns comentaristas dizem, bem, compare o fato de que em outras partes dos profetas, especialmente, a relação de aliança foi retratada em termos de casamento, e Yahweh era o marido. E agora Sião havia perdido um marido.

Senhor, Deus. Mas não, é mais uma comparação sociológica socializada. As viúvas tendiam a ficar deprimidas na sociedade judaica e na sociedade israelita, sem um homem para apoiá-las.

E o livro de Rute é um comentário sobre isso. Duas viúvas lutavam pela existência, lutando para sobreviver num mundo de homens. E a única saída é o mais novo se casar.

E esse é o único caminho a seguir. Então, essa é uma referência sociológica. A viúva era muitas vezes uma pessoa necessitada de caridade.

E aí estamos nós. E então, é uma situação miserável para se estar. Ela já foi grande entre as nações.

Na Palestina, havia várias nações pequenas. E Judá tendia a ser considerada a nação líder. Em 593, houve uma conferência.

Havia medo de ataque dos babilônios. E assim, as pequenas nações se agruparam. E onde eles se conheceram? Em Jerusalém.

Todas as outras nações enviaram enviados a Jerusalém, onde foi realizada esta conferência internacional, e somos informados disso em Jeremias 27. Portanto, Jerusalém era um lugar importante na Palestina.

E Judá foi importante entre as promessas imperiais da Babilônia. E então aquela que já foi uma princesa entre as províncias. Sim, a importância de Judá entre as províncias tornou-se vassalo.

Literalmente um trabalhador forçado. Alguém que é forçado a fazer um trabalho que não quer fazer. E então há uma expressão de perda aqui.

Esta é a primeira expressão de perda. Voltando-se para Sitzer, uma graça disfarçada, ele faz referência à perda. A perda cria um presente árido, como se alguém estivesse navegando em um vasto mar de nada.

Aqueles que sofrem perdas vivem suspensos entre um passado pelo qual anseiam e um futuro pelo qual esperam. Eles querem retornar ao porto do passado familiar e recuperar o que foi perdido. Boa saúde, relacionamentos felizes e um emprego seguro.

Ou querem navegar e descobrir um futuro significativo que promete trazer-lhes vida novamente. Cirurgia bem-sucedida, um segundo casamento, um emprego melhor. Em vez disso, eles vivem em um presente árido e vazio de significado.

As memórias do passado apenas os lembram do que perderam. A esperança no futuro apenas os provoca com um desconhecido remoto demais para ser imaginado. As memórias do passado trazem alegria, como descobrir, mas leva tempo para que as memórias confortem em vez de atormentarem.

E assim, a primeira estrofe, versículo um, é esta declaração geral de perda. E então vai ficar particular. Quais foram os tipos de perdas? E o versículo dois aborda as perdas de aliados políticos.

Começa com uma exclamação, uma exclamação emocionada, nesta personificação. Ela chora amargamente durante a noite com lágrimas no rosto. Algo que você pode visualizar.

Entre todos os seus amantes, ela não tem nenhum que a conforte. Todos os seus amigos agiram de forma traiçoeira com ela. Eles se tornaram seus inimigos.

E aquelas nações que se reuniram em 593 para aquela conferência sob o rei Ezequias em Jeremias 27, ou foram conquistadas ou passaram para o inimigo como a única opção. E eles não apoiaram mais Judá. E Judá ficou sozinho, sem aqueles aliados para trazer conforto ou ajuda.

Todos eles ficaram do lado de Babilônia agora, voluntariamente ou pela força. E então, sem conforto, sem conforto. Durante todo o capítulo um, há essa representação de falta de conforto.

E este é um aspecto da solidão. É um aspecto da solidariedade que estava faltando, e o luto precisa que outros enfatizem e tomem o nosso lado e segurem a nossa mão, como os amigos de Jó fizeram no capítulo dois de Jó. Mas aqui está Jerusalém isolada, deixada sozinha na tristeza.

E então, no versículo três, o exílio dos companheiros judeus. Como eu disse, este livro é destinado àqueles que foram deixados para trás em Judá. Mas muitos de seus amigos e parentes foram enviados naquela longa jornada para o norte e depois para o leste e para o sul, até a Babilônia, para deportação e exílio.

Judá foi para o exílio com sofrimento e dura servidão. Ela vive agora entre as nações e não encontra lugar de descanso. Um novo conjunto de nações acabou na Mesopotâmia.

Todos os seus perseguidores a alcançaram no meio da sua angústia. E a última linha da terceira estrofe é a prisão de pessoas. Venha aqui, você não pode escapar.

Junte-se à marcha. Você está incluído. Você tem que ir para a Babilônia e deixar sua casa.

No versículo três, naquela segunda linha, ela vive agora. Sim, a nova RSV e também a NVI não percebem o fato de que ela literalmente fica sentada e tem essa postura de luto. Os exilados foram para a Babilônia.

Eles também estavam de luto, assim como os que ficaram para trás. E não encontrando lugar de descanso. Já falamos sobre isso antes, que esta é uma reminiscência intencional de Deuteronômio 28 e versículo 65, que apontava para um futuro terrível, onde uma nação que abandonasse sua aliança com Deus se encontraria em grande angústia e, de fato, exilada de sua terra natal.

Não há lugar de descanso. E isso é muito significativo. É a primeira dica.

Você tem que levar em conta Deuteronômio 28. Talvez haja algum significado nesse capítulo para nós que possamos aplicar a toda esta situação. Depois, na quarta estrofe, há a solidão religiosa, que tem um significado religioso para a solidão.

Sião era palco de festivais três vezes por ano, e as pessoas afluíam; peregrinos de todo o país viriam aglomerados a Jerusalém. Mas agora não mais, agora não mais. O templo foi destruído.

E aqui estava a congregação reunida, penso eu, para esta liturgia no pátio em ruínas do templo, mas sentindo-se muito sozinha. Os caminhos para Sião choram, porque

ninguém vem às festas. E há esta personificação dos caminhos que os peregrinos percorreram.

Todos os portões estão desolados e arruinados. Eles estão derrubados. Sim, aqueles portões da cidade, mas também estão de luto.

E esta é uma palavra de luto também. Seus sacerdotes gemem. Aqueles que costumavam reger as festas com grandes hinos, agora estão gemendo.

Suas filhas sofrem e sua sorte é amarga. As meninas, como elas aparecem nesta foto aqui? Porque as mulheres não participavam de serviços religiosos. Eles não tinham parte oral.

Mas eles desempenharam algum papel. E há um versículo no Salmo 68 e nos versículos 24 e 25, que não fala do serviço do templo, mas das procissões às quais os peregrinos se juntavam para subir ao templo antes do serviço. E no Salmo 68, versículo 24, vêem-se as tuas procissões solenes, ó Deus, nos bons velhos tempos, as procissões do meu Deus, meu Rei até o santuário, os cantores na frente, os músicos por último, entre eles, meninas tocando pandeiros .

E então, isso me faz pensar nas meninas do Exército da Salvação tocando seus pandeiros e se juntando a eles nesta procissão. E eles pelo menos poderiam participar. Mas agora não.

Agora não. Elas perderam o emprego, essas jovens. Eles perderam a chance de especialização musical.

As jovens que ficaram em Sião estavam de luto. E assim, há um significado religioso nesta perda que encontramos aqui. E então, no versículo 5, há uma mudança agora.

Veremos no meio desta estrofe que seus inimigos se tornaram os senhores, e seus inimigos prosperaram porque o Senhor a fez sofrer pela multidão de suas transgressões. Seus filhos foram embora, cativos diante do inimigo. Na primeira e terceira linhas desta estrofe, descobrimos que há aí uma perda.

Seus inimigos se tornaram os mestres. Literalmente, eles se tornaram a cabeça. E mais uma vez há um eco do Deuteronômio.

Deuteronômio 28:44 fala dos inimigos se tornando a cabeça. E então, há novamente esta dica, que se refere a Deuteronômio 28. E também, na última linha, seus filhos foram embora, cativos.

Estes também vão embora como prisioneiros. É um eco deliberado de Deuteronômio 28:41. E assim, sugere novamente que há algum significado trágico nesta dor.

Há algum significado que pode ser explicado teologicamente. E isso está explicado no meio, na linha do meio porque o Senhor a fez sofrer pela multidão de suas transgressões. Acho que a NVI tem pecados, mas nenhum deles é adequado.

Pecado é uma palavra geral. Transgressão significa ultrapassar um limite que você não deveria ultrapassar. Mas são literalmente atos de rebelião.

Rebelião contra Deus. E esse é o pensamento aí. E assim, na queda de Jerusalém, não houve apenas uma rebelião política contra Nabucodonosor, mas foi também uma rebelião contra o próprio Deus, pela qual Jerusalém teve de ser punida.

E então, há esse uso teológico deste termo político para rebelar-se, rebelar-se contra Deus. É por isso que isso aconteceu. E finalmente chegamos a algum significado.

Esse significado, essa interpretação da catástrofe, se apoia em Deuteronômio 28 e diz: aqui está uma expectativa triste e trágica de que você não levou em conta sua perda. E é por isso que isso está acontecendo, na verdade. E então, o que tivemos foi que percorremos a trajetória do luto, esse caminho do luto, comemorando as perdas, mas agora, neste ponto, temos uma trajetória de culpa entrando em cena junto com esse luto.

Depois passamos para o último tipo de perda. Penso que esta é a perda da monarquia, a perda da tradição real davídica, que fazia parte da tradição de Jerusalém. Da filha Sião partiu toda a sua majestade.

Acho que é uma boa palavra no novo RSV. E reflete o fato de que muitas vezes esta palavra, a palavra hebraica para majestade, é usada num contexto real. Os seus príncipes tornaram-se como cervos que não encontram pasto.

Eles fugiram sem forças diante do perseguidor. Príncipes não são as melhores traduções. Na verdade, são funcionários reais, não membros da família real, mas funcionários reais são o que os príncipes costumam dizer.

E assim, é um eco do palácio e de todo o sistema monárquico, mas desapareceu. E então, pela primeira vez nessa primeira linha, temos este termo: filha Sião, filha Sião. E essa palavra filha indica simplesmente uma personificação feminina, que Sião tem sido considerada uma mulher.

E capitais, cidades e nações, quando são personificadas, muitas vezes são agraciadas com a palavra filha para indicar que são personificadas como uma mulher. E aí estamos. Existem aquelas perdas que experimentamos.

E então, é bastante complexo. Nestes primeiros seis versos, temos aqui um lamento fúnebre, que é uma tradição secular introduzida com este grito ou grito, Echa! E depois este contraste entre o passado e o presente, e este medidor manco, três mais dois. Sim, um lamento fúnebre secular, mas a religião entrou pela porta dos fundos, por assim dizer.

E na busca pelo sentido, você não fica com o sentido, mesmo neste lamento fúnebre. E há uma espécie de híbrido acontecendo, sendo criado, no sentido de que existe esse ângulo teológico. Porque as antigas expectativas desapareceram e havia uma expectativa que eles não tinham em conta.

Parte da tradição, Deuteronômio 28, que o destino de Israel, quando se afasta de sua aliança com Deus. E assim, aqui importa algum significado e alguma interpretação, e há algum significado real nisso. Não foi completamente desconcertante.

Isso poderia ser explicado. Tivemos vários processos de luto, comportamentos de luto, sendo expressos aqui. Os ritos de luto, sentar-se e o rasgo no versículo um, o choro no versículo dois e depois as ações de luto no versículo quatro.

E há esta revisão da perda, tantos tipos diferentes de perda. Mas há um começo nessa busca por significado. Parte desse processo de luto, que vai além da perda, é encontrar uma busca de significado para compreender o desastre, se for possível.

E você tem esta série de citações, Deuteronômio 28, e então a ortografia, no meio do versículo cinco, pela primeira vez. Depois, há esse sistema de crenças vindo à tona, mas agora é um sistema de crenças trágico, que precisa ser aceito. Encontramos as duas trajetórias, tristeza pela perda e depois culpa, sugeridas nas referências de Deuteronômio 28 e depois declaradas no meio do versículo cinco.

E num foco literário em Sião, como figura personificada, Sião representa o próprio lugar, que sofreu tanta destruição física. Também representa a congregação, ou o que a congregação deveria ser, um modelo, e o que a congregação experimentou em seus desastres. Como acho que já disse antes, Sião funcionará como um modelo para a congregação, e Sião responderá da maneira que a congregação precisará responder por sua vez.

E assim, nos versículos sete a onze, voltamo-nos para as perdas materiais. E poderíamos dizer, bem, certamente alguém poderia fazer isso de uma só vez. Perdas materiais, coisas materiais, não importam muito.

Mas, na verdade, se você pensar bem, há muitas coisas materiais que se tornam parte de nós, uma extensão de nós mesmos, e só precisamos ser assaltados e levar algumas coisas para perceber, ah, como posso viver sem isso e tal coisa? E é terrível pensar que parte de nós mesmos está sendo perdida e levada pelo ladrão, na

verdade. E assim, perdas materiais são mencionadas três vezes. E você tem o versículo sete, coisas preciosas, todas as coisas preciosas que eram dela nos tempos antigos.

E então, no versículo dez, mais uma vez, os inimigos estendem as mãos sobre todas as coisas preciosas. E então a NRSV nos decepciona, porque a mesma palavra hebraica é traduzida como tesouros no versículo onze, eles trocam seus tesouros por comida. A NVI guarda tesouros para todos esses três exemplos.

E assim, aqui estão os três exemplos de perdas materiais. E há esse anseio pelo que está sendo perdido. Como alguém pode viver sem essas coisas? Versículo sete, Jerusalém se lembra.

Sim, existe essa necessidade de lembrar e ter isso em mente. Você não pode esquecer isso. É sempre uma notícia de última hora, o que você perdeu.

Nos dias de sua aflição e peregrinação, todas as coisas preciosas que eram dela no passado. Nos dias de sua aflição, que tal vagar? Bem, os livros de psicologia sobre o luto mencionam a inquietação. Que quando você está de luto, você não consegue se concentrar em nada e sua mente fica vagando de um lado para outro e se preocupa com diferentes tipos de perda.

E essa divagação parece ser um termo psicológico melhor, inquietação. E então há essa comemoração dessas perdas de coisas preciosas, tomadas pelo inimigo como despojos. Os soldados não recebiam muito, sabendo que quando a terra fosse capturada, a cidade seria tomada; você poderia ter o que quisesse e pegar um relógio Rolex da mão de alguém que agora é seu porque você foi o conquistador.

E então há essa inversão que eles vivenciam, o saque. Porém, mais do que isso, como parte de sua dor, quando seu povo caiu nas mãos do inimigo e não havia ninguém para ajudá-la, o inimigo olhou zombando após sua queda. E às vezes, quando alguém sofre uma perda, há humilhação como parte disso.

E essa humilhação é uma parte secundária do sofrimento. Não é o que realmente aconteceu, mas como as pessoas olham para você quando algo acontece. E aqui há essa zombaria.

E em todas as lamentações, há tanto o sofrimento primário como o sofrimento secundário, o que torna tudo pior. E aparece novamente no versículo 8: Jerusalém pecou gravemente, então ela se tornou uma zombaria. Todos que a honraram a desprezam.

Eles viram sua nudez. Ela mesma geme e vira o rosto. Há esse tipo de humilhação e vergonha neste versículo.

Essa nudez é despojada de tudo o que ela tinha, despojada dessas coisas preciosas, e como resultado ela se sente tão nua. Mas há essa admissão do narrador, do mentor, que tem a ver com pecado. Jerusalém pecou gravemente.

Então, estamos voltando ao ponto do versículo 5, esse elemento de culpa junto com o elemento de tristeza. E então, no versículo 9, à medida que avançamos, há uma metáfora que é usada. Sua impureza estava em suas saias.

Ela não pensou no futuro. Sua queda foi terrível, sem ninguém para confortá-la. E temos uma metáfora aqui.

É o sangue menstrual que está manchando as roupas. E isso causaria, no ritual hebraico, causaria impureza ritual. Mas aqui está uma metáfora para transgressão.

É um pecado do início do versículo 8, colocado em termos metafóricos. Junto com isso não havia nenhum pensamento para o futuro, nenhuma previsão das consequências das ações pecaminosas que isso levaria a algum lugar pior, que Deus eventualmente puniria. Havia essa miopia moral.

Mas então temos uma interrupção. Sião invade. Oh Senhor, veja minha aflição, pois o inimigo triunfou.

E a palavra triunfo é literalmente agir grande, agir grande, exercer seu peso por aí. O inimigo lançou todo o seu peso. É sobre a Babilônia indo longe demais.

E aqui está surgindo uma nova trajetória, que deveríamos ver com frequência, a trajetória do ressentimento. Não é justo, Deus. O inimigo também pecou.

Discutiremos isso um pouco mais tarde e explicaremos o que está acontecendo com mais profundidade. Mas há essa queixa que aparece nesta pequena minioração. E então, no versículo 10, o narrador continua.

Os inimigos estenderam as mãos sobre todas as suas coisas preciosas. Ela até viu as nações invadirem o seu santuário, aqueles a quem você proibiu de entrar na sua congregação. Esta é outra referência bíblica.

E a referência aqui é a Deuteronômio 23. E é claramente mencionado como referência aqui no texto. E Deuteronômio 23 diz: Nenhum amonita ou moabita será admitido na assembleia do Senhor, até a décima geração.

Nenhum dos seus descendentes será admitido na assembleia do Senhor. E então dá o motivo. E o texto fala literalmente de admissão ao culto.

Mas aqui, isso é entendido em um sentido diferente. Está falando dos inimigos. E não é apenas o exército babilônico, mas todos eles são destacamentos de nações locais, incluindo nações locais naquela área palestina, incluindo os amonitas e os moabitas, sem dúvida, invadindo o santuário, não agora para adorar, mas para destruir e desfigurar .

E então aqui novamente, esta queixa de Sião naquela pequena oração no final do versículo 9 é explicada pelo narrador no versículo 10 como um pecado religioso contra Deus e que vai contra a vontade direta de Deus. E assim, isso é levado diante de Deus como uma queixa. E então , no terceiro caso, versículo 11, há a troca de tesouros por comida, a troca de coisas preciosas por comida.

Lembro que fui enviado para São Petersburgo em 1997 para lecionar na Academia Batista. E fui levado para conhecer São Petersburgo. E ali, na rua principal, havia velhos e velhas segurando preciosas relíquias de família, relógios e colares.

E foi uma época de grande rigor econômico para a Rússia. E não pagavam a Segurança Social, a que os idosos estavam habituados. E assim, eles estavam saqueando seus tesouros e tentando conseguir dinheiro para comprar comida.

Esta é a situação em que é preciso se livrar dessas coisas preciosas para sobreviver e conseguir comida. E isso foi um fator importante naquele cerco, naquele cerco de 18 meses. E então, mais uma vez, Sião invade.

Oh Senhor, olhe e veja como me tornei inútil. E mais uma vez, este é o fator secundário do sofrimento. Não o que aconteceu, mas as consequências sociais do que aconteceu.

A humilhação que as pessoas estão olhando para mim agora. E isso é tão difícil de aceitar. E então eles trazem esse sentimento de inutilidade para Deus e dizem: precisamos da sua ajuda.

Precisamos da sua compaixão. E então aqui está Sião falando. E estas devem ser palavras a serem compartilhadas com a congregação e eventualmente expressas pela congregação.

É aqui que estamos. E temos que nos relacionar com Deus e levar todas essas coisas a Deus. E só assim será a nossa vida futura.

Na próxima vez, leremos a segunda metade do capítulo, versículos 12 a 22, e é isso que deveríamos estudar.

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a

sessão 3, Lamentações 1:1-11.